

Luiz Estevam Gonzalez

Sonho

Azul

Para viver um grande amor às vezes é preciso quase perdê-lo.

– Ano 2000 –

E disse-lhe Jesus: “Guarde a espada! Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão.”.

Mateus 26:52

“*Que mansão*”, se admira Mário, esperando sua hora de ser admitido na casa, “este cara sabe mesmo viver”, divagou invejoso, enquanto corria os olhos pela residência de três andares ocupando todo o quarteirão defronte a baía.

Chovia torrencialmente e o vento forte vindo do mar uivava alto, com um som lúgubre que combinava bem com seu espírito e com o resultado da incumbência que recebeu.

Mário se preparava para relatar ao seu superior o resultado de sua missão. Seu chefe não quis aguardar até o dia seguinte, assim que soube de sua chegada o convocou imediatamente para sua presença.

- Mesmo debaixo do enorme guarda-chuva, Mário estava completamente encharcado ao ser admitido no interior da residência. Deixou uma poça de água no suntuoso hall, o que serviu apenas para lhe deixar um pouco mais constrangido e temeroso do que já se encontrava.

Mário estava cansado, viajou o dia inteiro. Após o enterro ainda passou a noite na estrada, seu chefe fizera questão que ele fosse e voltasse de carro, não queria deixar rastros de sua viagem, como passagens de avião. Excesso de paranoia do velho, mas a ele só restava cumprir ordens.

Deixou o guarda-chuva pingando no hall e foi levado até a pre-

sença do dono da casa pelo seu mordomo de confiança. Depois de introduzir Mário no escritório, o administrador da residência foi colocar a mesa do jantar para o patrão.

Após esta última tarefa do dia, estaria livre para retornar aos seus aposentos até o dia seguinte, o chefe em pessoa acompanharia Mário até a porta quando fosse cear, estas eram as suas ordens.

Sentado em seu aconchegante escritório no último andar da mansão, o homem na faixa dos setenta anos, cabelos grisalhos fartos, informalmente bem-vestido e com toda a aparência de um empresário bem-sucedido, estava hoje mais calmo do que o normal.

Lentamente levantou seu copo de cristal, cheio até pouco mais da metade com um malte de vinte anos exclusivíssimo, do qual acabara de se servir e o direcionou contra a luz do luar que penetrava pelas imensas janelas.

Era uma noite de contrastes, a lua teimosamente esplendorosa no céu em meio às pesadas nuvens negras que insistia em ignorar.

Admirou fascinado o reflexo e o efeito multicolorido que a claridade lunar, filtrada pelos grossos fios de chuva, provocavam no copo e no seu líquido interior.

Este tempo dedicado a si mesmo precedendo o jantar tinha a muito se tornado seu ritual particular de relaxamento, executado quase que inconscientemente e de forma praticamente mecânica, porém sempre com muito prazer.

Não se via mais sem este momento voltado a si mesmo, quando colocava as ideias em ordem e se preparava para a frugal refeição

noturna.

Após o solitário jantar e o noticiário televisivo, relutantemente enfrentava o sono noturno, cada vez mais curto e difícil devido à idade e as lembranças de uma vida atribulada que insistiam em popular sua mente.

Raramente permitia que o interrompessem nestas horas, somente em ocasiões muito especiais alguém tinha acesso ao seu gabinete particular à noite. Quando isso acontecia, sempre lhe causava grande irritação.

Gostava também de jantar sozinho, os empregados da casa sempre colocavam a mesa e se recolhiam, sabiam que ele não queria mais ver nenhum deles até o dia seguinte. Esta era a sua inquebrantável prática noturna e todos na casa já estavam adaptados a ela.

Hoje em especial, o sistemático septuagenário estava agradavelmente desligado da vida. De gosto refinado, como sempre, ouvia seus discos de Bossa Nova quando subitamente atentou para a quebra de sua prazerosa rotina, infelizmente não estava mais sozinho.

Impaciente, sorveu um gole prolongado do uísque, apreciou o gosto da bebida cara, diminuiu o som e voltou sua atenção para o visitante recém-admitido na sala:

– E então? – questionou exacerbadamente seu assecla, sem precisar dizer mais nada, ele sabia exatamente qual fora a sua missão.

– Confirmado, chefe – respondeu Mário apressadamente, não se sentia lá muito confortável na presença do poderoso homem à

sua frente, conhecia bem sua fama e percebeu que hoje ele estava um pouco mais rabugento do que o normal. – Assisti ao enterro. Vi o morto antes de fecharem o caixão, não tenho dúvidas, era ele mesmo.

O velho se levantou com o semblante sério, caminhou até a ampla vista que se descortinava além das janelas e, de costas para o visitante, abriu um vasto sorriso que não escondia um misto de satisfação e alívio.

Sem pressa para encarar Mário novamente, seguiu contemplando a baía iluminada pela lua cheia, emoldurada bem ao fundo e à esquerda pelas luzes fracas da cidade baixa, com seus velhos casarões.

Talvez pela chuva, àquela hora o pequeno porto ainda estava lotado de barcos de pescadores esperando o melhor momento de sair para o trabalho noturno.

Mantendo o semblante firme, não resistiu em indagar, curioso:

– Como ele estava?

– Como assim, chefe? – Mário espantou-se com a inesperada questão. – Estava mortinho da silva, pálido como um cadáver!

Virou-se de novo para a janela, com um misto de impaciência e diversão, mal contendo o riso e pensando: *“Como alguém pode ser tão idiota?”*.

– Não é isso, imbecil! – disse após alguns segundos, quando conseguiu controlar o impulso de soltar uma gargalhada. – Como estava sua aparência? Velho, cansado, sofrido, acabado?

– Pelo contrário, chefia – Mário apressou-se em responder, um pouco envergonhado de sua estupidez. – Agora entendi! Parecia bem tranquilo. Como é mesmo que o padre disse no sermão... Lembrei! Sereno.

– Tinha padre lá? – estranhou, agora um pouco mais tranquilo e surpreso por conhecer bem o passado e as preferências religiosas do falecido. – E o que mais?

– Mais nada, senhor, a cidade inteira estava lá, parece que o homem era bem popular – retrucou Mário aliviado, parecia que o chefe esquecera sua resposta anterior impensada. – Revistei todo o hotel como senhor mandou, com a ajuda do Feliciano e não achei nada! – completou, mais confiante em relatar o resultado de toda a missão que lhe fora delegada.

A combinação de chuva forte e lua cheia causava um contraste luminoso com efeitos multicoloridos no céu, cativando o olhar do idoso, fascinado com a vista diante de seus olhos.

“Há muito eu não reparava como esta paisagem é linda, ele divagou, ainda de frente para a janela, apreciando novamente a paisagem e ponderando o que acabara de ouvir de seu capanga: “Será que aquele filho da puta blefou comigo estes anos todos?”.

Lembrando novamente que não estava sozinho, porém relutante em se afastar da vista da janela, voltou-se finalmente para seu empregado e comandou:

– Ok, Mário, obrigado, pode ir agora – hipnotizado, retornou a olhar para fora, concluindo: – Você sabe o caminho, bata a porta quando sair.

Sereno como há muito não se sentia, o poderoso magnata do crime prosseguiu em sua rotina noturna, abrindo as portas de correr, acendendo as luzes de fora e entrando na varanda do escritório.

Preparou-se para terminar seu drinque antecedendo o jantar. Saboreando-o, raciocinou: “Se ele guardou mesmo algum material contra mim, deve estar com a irmã, quem sabe com a mãe, vou ter que ir atrás delas e acabar logo com isso”.

Teria muito prazer nisso, arrancaria dela a verdade a qualquer custo, antes de eliminar de vez o que restara daquela família maldita, a mãe inclusive, já estava cheio desse pessoal.

Ficou mais um longo tempo do lado de fora, mal se importando com as gotas de chuva que respingavam na cobertura da varanda e no parapeito em que ele se debruçou para admirar melhor o que se vislumbrava logo abaixo.

Subitamente, um clarão de dentro de um barco logo abaixo na baía iluminou a noite, confundindo-se com os relâmpagos fracos que a tempestade ainda emitia, seguido de um estampido abafado.

O velho homem não percebeu nada. Neste mesmo momento, se ainda houvesse alguém ao seu lado, ouviria apenas o baque surdo de seu corpo em queda no chão da varanda, com um buraco bem no meio da testa.

Meados de 1970...

Em um período onde a reputação é o mais importante para os poderosos, o rico empreiteiro, Américo, precisa se esforçar para não ter sua imagem manchada. Com uma linda família, aparentemente, muito feliz, vê seu mundo de fantasias ruir ao ter seus negócios atrapalhando os interesses de um poderoso mafioso que possui diversos negócios, entre eles, uma empreiteira.

Pedro Paulo, filho de Américo, cai na armadilha criada pelo perigoso Saulo a fim de destruir os negócios de seu concorrente. A mando do mafioso, Laura seduz o jovem Pedro e o introduz no perigoso caminho das drogas, sendo mantido refém pelos criminosos.

Porém, seu cativo se torna sua salvação, pois Pedro conhece o amor de sua vida. Mas nem tudo é perfeito...